



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; G. Castello Branco; G. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana—*Anjo da guarda*; soneto, por Francisco de Menezes.—*Tungue e Zanzibar*, por Pinheiro Chagas.—*Historia de quinze annos*, (conclusão), por Alberto Telles—*Um segredo*, conto, (trad. do hespanhol) por Viçgal Salgado.—*As nossas gravuras*;—*Em família (passatempos)*—*Um conselho por semana*;—*A theoria do divorcio na pratica*, trad. de D. Guiomar Torrezão.—*A vingança do Sampaio*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Viscondessa de S. Caetano*—*Princesa regente do Brazil (Clavina, walsa)*—*Observatorio astronomico de Coimbra*—*Cesar A. Paiva*—*Porto das pedras, (Brazil)*.

CHRONICA

A Avenida que até ha pouco nos expunha permanentemente os leõesinhos do *sport* as mundanas e meias-mundanas de cotação elavada, os primores da *fashion* lisboeta e tudo quanto por ahi se exhibe mais elegantemente e mais aristocraticamente nos coxins capitoados dos seus bellos *huit resorts* espaventosos; a Avenida, onde se fazia *étalage* de elegancias, de formosuras, de equipagens e de *toilettes*, passou a dar-nos uma exposição temporaria de productos da industria e da agricultura nacionaes, onde se agrupam, ao lado da casaca modernissima talhada pelo Keil e dos quadros de Malhã e Silva Porto, o figo passado e a alfarroba secca do Algarve, o inhame das ilhas, o azeite Galache, o feijão fradinho do Norte e os chouriços de Portalegre, tudo isto condimentado com boa musica á tarde e á noite, agua fresca e capilés, cerveja e sorvetes, brodios por lista em *restaurant*, ao ar livre, e bancos com doces e toldos para preservar o indigena das ardencias do sol.

Entrada, um tostão, apenas.

Pois o indigena fez cara ao certamen e não gosta, e não vae lá. Diz, voz em grita, que foi uma pouca vergonha, que lhe roubaram a sua rica Avenida, o largo e

arejado desafogo das suas manhãs serenas de inverno, das suas tardes abrasadoras de verão, das suas noites calidas de julho.

Isto diz elle agora, o caprichoso indigena caturra, que anda sempre mal com tudo e com todos, que descompõe a torto e a direito, e que não teve, não tem, nem terá nunca, enquanto o mundo fôr mundo, opiniões definidas e assentes sobre coisa nenhuma.

Quando a Avenida era logradouro publico, a creança bisonha e cheia de caprichos que se chama povo, sempre avessa, por indole, a todos os modernismos, a todas as innovações, não ia lá tambem, pela simples razão de se não querer encontrar nem misturar com o mundo elegante; corria direitinha para as Hortas, de tarde, aos



VISCONDESSA DE S. CAETANO

bandos, decilitrando pelos caminhos, e á noite, com mais d'um grão na aza, tem-te não caias, bailava nos quintalorios da cidade alta, arrastando a supradita aza já muito ferida, ás Terpsichores do sitio.

Amanhã, quando o camartello destruidor da Obra publica deitar a baixo a caranguejola de madeira, onde se reúnem tantissimos productos da nossa industria, bem dignos de serem vistos, amanhã, quando lhe restituirem, já com os horisontes novamente rasgados, a «sua rica Avenida», o bom do nosso povo continuará a correr para as Hortas e para os *salsifrés* ao livre, n'uma promiscuidade abandonhada com os faias e com as creadas de servir, como corre hoje, indignado, diz elle, porque lhe roubaram o logradouro que era tão seu.

Em boa verdade, não valia a pena ter gasto tanto dinheiro n'aquelle certamen com que se quiz illustrar, beneficiar e recrear a população de Lisboa. Tudo quanto não seja um bom fogo de vistas mirabolante, em que appareçam, por entre faiscações vivas, todas as côres do arco iris, ou uma patuscada ruidosa extra muros, ou um cyrio das Palmellôas, ou uma feirola com theatros réles e venda de pescadinhas fritas de rabo na bocca, tudo que não seja isto, não seduz nem attrahe o nosso povo.

Os cafés da Mouraria, com piano a moer fados brejeiros, *camareras* provocantes de cravo vermelho no toucado, veneno aos decilitros e facadas á descripção, isso sim, que é *mystico*. O mais, as exposições, os progressos da industria, o aperfeiçoamento das artes, o desenvolvimento da agricultura, a demonstração palpavel das forças vi-taes do paiz... historias da vida!

E' uma triste verdade esta, que custa a dizer, mas que deve ser dita: —o nosso povo, apesar de bondoso e intelligente, tem uma reluctancia enorme em civilisar-se. Acaba de o provar agora, de fórma a não deixar duvidas sobre as suas tendencias de reacção contra tudo que é progresso.

Sendo susceptivel de correr pressuroso, de bolsa aberta e olhos lacrimejantes, quando o chamem para uma festa de caridade, deixa-se ficar indifferente e desconfiado e bisonho, quando lhe acenam com uma festa da civilisação.

E dá sempre uma desculpa, faz sempre um commentario picaresco. E' ouvirem-n'o:

—Exposições? Para que nos serve aquillo? Vae a gente ás montras das lojas, e vê tudo, de graça.

Ou então:

—Vêr muitas garrafas de vinho empilhadas, de cima a baixo, e não poder proval-o para saber se é bom! Nos armazens, é melhor: manda-se vir e prova-se; se não desagrada ao paladar e não tem campeche, já cada qual sabe onde ha de ir beber; se fôr ruim, muda-se de rumo e vae-se a outra parte.

Depois, como já dissemos, o indigena vive sempre desconfiado, no que não deixa—sejamos justos—de ter uma certa razão.

Andam todos os dias a metter-lhe as mãos nos bolsos, extorquindo-lhe, para pagamento de contribuições onerosas e pesadas, o melhor dos seus haveres. Não ha patuscada nacional que não redunde no desembolso forçado de mais uns tantos por cento para o fisco. De modo que, além da sua tendencia innata para contrariar todas as tentativas civilisadoras, obedece, no seu indifferentismo pela evolução e pelo progresso, ao receio de que as festas lhe custem caras.

De resto, o bom burguez está sempre de figa engatilhada contra os governos que o exploram, contra os syndicatos que o arruinam, e vê em tudo, como de certo vê na exposição da Avenida, uma artimanha engendrada com finura para dar de comer aos bemfadados da politica.

Ora, tudo isto são factores da sua evidente reluctancia em visitar o certamen, que, se não é uma obra com-

pleta e perfeita e rica, porque ricos nunca nós fomos e perfeitos nunca o havemos de ser, merece no entanto ser visto por aquelle que mais o devia vêr e para o qual de preferencia foi organizado com intuitos louvaveis e beneficos—o povo.

De noite, porém, aconselhamos-lhe que não vá, porque é roubado. Compra o seu bilhete, paga o seu tostão e não vê nada. E não vê, porque tudo aquillo está ás escuras, ou pouco menos. Quando muito, limita-se a ouvir, como no antigo Passeio, a «Traviata» soprada melancholicamente pelos contra-baixos d'uma banda regimental.

De noite, a exposição é só para os cegos e para os que gostam de saborear o reportorio das musicas militares, ou para aquelles que desejarem fazer idyllios na penumbra das installações, sem receio de que um raio de luz indiscreta e importuna venha arrancar-os brutalmente á doce poesia dos seus sonhos.

A Chronica, se quiz vêr, foi de dia, ás claras, illuminada pelo clarão quente do sol. Foi de dia, e pagou. Para ser dispensada de concorrer com o tostãozinho regulamentar, queriam forçá-la a photographar-se, de modo a poder provar pela photographia a sua identidade, quando á porta lhe fosse exigida a evidenciação do respectivo bilhete de favor concedido á imprensa.

Ora a Chronica é o que ha de mais caprichoso na maneira de usar a barba que Deus lhe deu. Um dia, apraz-lhe trazel-a em ponta, á duque de Guise; no dia seguinte, vae ao cabelleireiro e corta-a despidosamente. Hoje, exhibe só bigode; amanhã, sacrifica por mero capricho infantil aquelle adorno capillar, e apparece de menino do côro.

Depois, umas vezes usa luneta, outras não usa. E todas estas variantes profundas, produzidas de espaço a espaço no tom geral da sua physionomia, haviam de dar margem a questões sérias, quando houvesse de mostrar o retrato e o bilhete aos cerberos da exposição.

Por isso, e porque, de resto, tem enguiço em se retratar, a Chronica paga, mas não se retrata, tal qual como um exercito valoroso e aguerrido, que morre, mas que se não rende.

SANTILHANA.

ANJO DA GUARDA

(NA MORTE DE MINHA MÃE)

Sob o influxo da magua silenciosa,
Que opprimia a minha alma dolorida,
Vi-te deixar a amargurada vida
De paz e de piedade erma e saudosa.

No estranho quadro, em sombra vaporosa,
Contemplei tua face esmae ida;
E ouvi o—adeus! na longa despedida
Para a mansão etherea e mysteriosa.

Aos meus ouvidos vinha o som plangente
D'essa musica doce e commovente,
Chorados ais de eternas esperanças...

E vi surgir, então, serena e calma,
Entre estrellas a alma da minha alma
Sorrindo a olhar umas gentis creanças!

Vizeu

FRANCISCO DE MENEZES.

TUNGUE E ZANZIBAR

Ha alguns mazes, tivemos occasião de informar os nossos leitores da *Illustração Portuguesa* dos acontecimentos interessantes occorridos na Africa Oriental, e pelos quaes os Portuguezes retomaram posse da bahia de Tungue, situada ao norte da provincia de Moçambique e nos limites septentrionaes do districto de Cabo Delgado, bahia de que tinhamos sido desapossados pelo sultão de Zanzibar. Como o sultão, não se limitando a continuar com o senhorio da bahia de Tungue, apesar das nossas reclamações, principiava a estender o seu dominio mais para o sul, o governo portuguez entendeu que precisava de pôr cobro a essas usurpações, renovar energicamente a affirmação dos seus direitos, e n'essa conformidade, e á viva força, não só os zanzibaristas fôram expulsos dos sitios que principiavam a occupar, mas sacudidos tambem da posição de Meninguene no meio da bahia de Tungue. N'esta situação ficou a provincia de Moçambique em 20 de fevereiro de 1886, data da queda do ministerio regenerador. Depois o ministerio progressista fez ainda occupar o resto da bahia de Tungue. Deu isso logar a varias questões, em que não entraremos, é claro, porque, como os nossos leitores sabem, nos abtemos completamente de fazer politica n'este jornal. Como porém essas questões deram origem á publicação pelo ministerio dos negocios estrangeiros de um *Livro Branco*, onde vem muitos documentos curiosos, como d'esses documentos se pode extrahir a historia de Tungue, até ao momento em que a reoccupação d'essa bahia foi effectuada pelo governo portuguez, reoccupação que nós aqui narrámos, como, extrahindo-os portanto, podemos completar essa narrativa com a historia dos acontecimentos que deram origem ao conflicto actual, vamos cumprir mais uma vez o gostoso dever de conservar os nossos leitores ao facto dos acontecimentos principaes que interessam o nosso paiz.

Foi no tratado de 28 de julho de 1817, celebrado entre Portugal e Inglaterra, como convenção adicional do tratado de 22 de janeiro de 1815, e assignado em Londres pelo duque de Palmella e lord Castlereagh que ficou bem claramente consignada a affirmação de que a bahia de Tungue estava incluída nos nossos domínios, porque ahí se diz, no n.º 1 do artigo 2.º, que «os territorios que a corôa de Portugal possui, são «na costa oriental da Africa o territorio comprehendido entre o Cabo Delgado e a bahia de Lourenço Marques.»

Em 1828, sendo governador de Moçambique o celebre escriptor Sebastião Xavier Botelho, esteve em Moçambique um irmão do iman de Mascate, predecessor dos actuaes sultões de Zanzibar, e assignando-se a 28 de março d'esse anno um tratado de amizade e de commercio entre o rei de Portugal e o soberano arabe, alli claramente se estipulou, no artigo 10.º, que «os domínios de Sua Alteza o Rei Iman de Mascate na costa de Africa ao N. dos domínios portuguezes, alli não se estenderiam além de Mugau (*Mgau*), e os de Sua Magestade Fidelissima terminarão em Tungue inclusivamente.»

Sebastião Xavier Botelho foi um dos raros governadores que sériamente se empenharam em favorecer os interesses das provincias que governavam, por isso, em vez de se occupar da politica interna, tratou de assegurar os fructos d'essa negociação, e não só mandou acompanhar o irmão do iman de Mascate pelo brigade de guerra *Caçador* que tinha ás suas ordens, mas encarregou o commandante d'este navio, o segundo tenente Fernando Antonio da Costa, de ir ás terras de Mascate, e de tomar todas as informações sobre a situação d'esse paiz. O *Livro Branco* traz o relatório d'esse official que é extremamente diminuto. Por elle se vê porém que já a ilha de Zanzibar constituia a parte principal dos domínios do soberano arabe. Este ahí ia residir frequentemente, enquanto na costa africana tratava de estabelecer o seu dominio em Mombaça, e n'outros pontos bem conhecidos dos Portuguezes, que alli tinham por tanto tempo imperado. Em Zanzibar encontrou Fernando Antonio da Costa um grande numero de navios inglezes, francezes e americanos, alguns navios de guerra do iman, entre os quaes figurava uma nau de 74 peças, cujo aceio o maravilhoso. Notou porém que os bombardeiros do iman estavam ainda muito pouco familiarizados com o exercicio de fogo, pois que lhes custou muito a responderem com uma salva de vinte e um tiros á salva com que o brigade *Caçador* cumprimentou a terra.

Passaram-se vinte e seis annos sem que o governo portuguez, que bem pouco se importou com as colonias durante esse periodo quasi todo cheio de discordias civis, sem que o governo portuguez tratasse de occupar fortemente aquella parte dos seus domínios, em que era tão facil qualquer conflicto com esse visinho relativamente poderoso. O iman de Mascate morrera, succedera-lhe um filho que, depois de ter conservado por algum tempo o titulo que seu pai tivera, foi expulso do throno por seu irmão que os Inglezes favoreceram, e que succedendo-lhe, passou a denominar-se sultão de Zanzibar e a collocar n'essa importante ilha (que José Gomes Monteiro entendia que era a *ilha dos Amores* phantasiada por Camões) a séde do seu dominio.

Entretanto quem governava na bahia de Tungue não era um emisarario do governo portuguez, era um scheick arabe, que de nós recebia um subsidio. Descontente por um atrazo de pagamento, ou por qualquer outro motivo, arriou a bandeira portugueza, arvorou a bandeira de Zanzibar, e declarou-se subdito do sultão, que promptamente acceitou a homenagem, e que se assenhoreou desde logo de Tungue e de Meninguene. Assim o participou para Lisboa, por intermedio do sr. Joaquim Pinto de Magalhães, hoje visconde de Arriaga, que governara inteiramente a provincia, e se retirava para o reino, o governador Vasco Guedes de Carvalho e Menezes.

Apesar de tão grave acontecimento reclamar desde logo providencias immediatas que podiam de prompto ter remediado o mal, porque nenhuma potencia na Europa podia impedir-nos de restabelecer pela força o nosso dominio n'um sitio cuja posse nos fôra reconhecida pelos tratados, taes providencias se não tomaram, e o sultão ficou tranquillamente senhor dos territorios contestados, adquirindo assim a pouco e pouco um direito de posse, que embora nada tenha de justo nem de legal, está tendo hoje um grande valor, como o têm todos os factos consummados, principalmente no territorio africanp.

Em 1862 foi o governador João Tavares de Almeida a Zanzibar assignar um tratado de commercio com o sultão.

Reivindicou por essa occasião os nossos direitos á posse de Tungue e de Meninguene e reproduzio todos os excellentes argumentos de que podia lançar mão para os provar, mas como o sultão persistisse em dizer que tinha duvidas n'esse ponto, e se recusasse cathegoricamente a consignar no tratado o reconhecimento d'esses direitos de Portugal, João Tavares de Almeida entendeu que era melhor addiar a resolução da questão, e contentar-se com o tratado de commercio, reservando para uma convocação ulterior a questão dos limites. Era um novo erro. Essa questão, quanto mais se addiasse, mais difficil se tornava. O erro capital fôra não recuperar logo em 1854 pela força os terrenos de que tinhamos sido esbulhados. Deixar em 1862 o sultão de posse d'esses territorios era aggravar ainda mais o erro. Como é que se esperava que se podesse conseguir de futuro, quando mais radicados estivessem n'esse territorio os interesses zanzibaristas, o que se não conseguira n'esse periodo em que a occupação era ainda muito superficial?! Teria fatalmente de se recorrer á força, e á força se recorreu; mas o successo que se obteve prova simplesmente que muito mais completo e seguro se obteria no principio, quando com os interesses de Zanzibar não viessem enleiar-se os de grandes nações europeas.

Em 1879 governava Moçambique o sr. Francisco Maria da Cunha. Renovou as negociações com o sultão de Zanzibar para a assignatura de um novo tratado de commercio, e tornou a reivindicar os nossos direitos á posse da bahia de Tungue. Encontrou exactamente as mesmas resistencias que encontrára João Tavares de Almeida, e como elle adiou a sua resolução. Agora já não havia erro, havia impossibilidade de se proceder de outro modo.

Em 1882 governava Moçambique o energico official Agostinho Coelho. Assignou um tratado com o sultão de Zanzibar o official de marinha Gregorio José Ribeiro que foi depois nomeado consul n'essa ilha. Governador e consul estão já fallecidos. Ambos cumpriram o seu dever, mas malograram-se os seus esforços diante da mesma impossibilidade. Começaram então a manifestar-se as tendencias de Zanzibar para estender o seu dominio para o sul. Portugal reagiu, e recorreu se emfim á força. Contámos como se effectuou a occupação. A historia das novas negociações entra nos domínios da politica corrente, e por isso a consideramos defeza.

PINHEIRO CHAGAS.

HISTORIA DE QUINZE ANNOS

(Por Edmundo Benoit-Lévy)

IV

O marechal de Mac Mahon, apesar de ter declarado por escripto que a dedicacão de toda a vida não seria bastante para pagar a Thiers o tel-o restituído com honra á vida publica, era agora o seu successor. Mas, se elle depressa olvidára a celebre carta que dirigira ao eminente historiador e homem de estado, não se esqueceu de recompensar devidamente os valiosos serviços do duque de Broglie, a quem deu a missão de organizar o ministerio.

O espirito publico, confiando no manifesto do marechal, affixado nos muros da capital e das provincias, aguardou tranquillo os acontecimentos. O presidente da republica promettia que as leis existentes e as instituções não soffriam alteracão, e dava a sua palavra de soldado e de homem de bem que proseguiria na libertação do territorio, e que havia de manter a paz interior e os principios em que assenta a sociedade.

Ia em breve o novo gabinete patentear que o animavam os mais sinceros desejos de aniquillar a republica nascente e de restaurar um passado já bastante remoto, porque não era bem o passado que fôra destruido pelo fogo das baterias de Molière em Sedan, nem o que se abysmara nas barricadas de 1848, mas sim o que a onda revolucionaria tinha submergido em 1830. Os interesses politicos alliados com a restauração dos Orléans não permittiam a politicos obsecados ver a contradição em que cahiam, pretendendo resuscitar o governo de Carlos X com os descendentes da mesma familia que o derribara do throno, e representava na historia idéas e principios diametralmente oppostos.

O primeiro acto do governo foi uma circular enviada aos prefeitos pelo ministro do reino, o sr. Beulé, para elles reprimirem as manifestações que se faziam em toda a parte contra as tendencias da nova situação, e para organisarem um serviço especial da imprensa que nada tinha de original, nem no pensamento que o dictou nem no seu modo de execução, pois consistia em subsidiar todos os jornaes para elles publicarem só o que a administração publica lhes mandasse. Apenas era nova a recommendação especial de subtrahir o *serviço da imprensa* aos empregados *indigenas* ou *indigentes!*

O *Times*, apreciando esta maneira singular de tornar a opinião publica favoravel ao governo, escreveu o seguinte: — «Não conhecemos cousa nenhuma a que possamos comparar o meio inventado pelo governo do sr. Broglie para levar a imprensa a sustentar a administração, a não ser o modo porque o exercito foi disposto a prestar a sua coadjuvação ao golpe de estado que substituiu o imperio á republica.»

Surgiram logo as divergencias entre os orleanistas e os bonapartistas, avidos de conquistar o poder.

O partido clerical, que appoiava fortemente a nova situação, deu tambem logo signal de si. Primeiro foi a publicação de um regulamento do prefeito do Rhodano sobre os enterramentos civis, que elle só consentia que se fizessem ás 6 horas da manhã, desde 1 de abril até 30 de setembro, e ás 7, desde 1 de outubro até 31 de março, devendo o prestito funebre seguir pelas ruas de menor concorrência. Pouco depois foi o facto do governo ter negado as honras militares ao enterro do deputado Brousses, fallecido em Versalhes, por elle não ser feito com a participação de nenhum dos cultos reconhecidos pela lei. E, passados dias, a camara approvou a edificação da igreja do Sagrado Coração de Jesus. — «É declarada de utilidade publica—dizia o respectivo projecto de lei—a construcção de uma igreja, que, por effeito de uma subscrição nacional, o arcebispo de Paris propõe que se eleve na collina de Montmartre, em honra do Sagrado Coração de Jesus Christo para invocar a favor da França e especialmente da capital, a misericórdia e a protecção divinas.» Em verdade, e sem offensa dos sentimentos religiosos, não faltavam igrejas em França para render cultos á divindade, e não escasseavam assumptos de grave importancia de que o parlamento se occupasse. A discussão do projecto deu origem a uma scena ridicula, em que o governo representou um triste papel. Observou o deputado Bertauld, sabio lente de direito, que a declaração de utilidade publica feita em nome do arcebispo de Paris, e não do Estado, importava a reconstituição da propriedade ecclesiastica, que estava em flagrante contradição com o direito publico francez, e adduziu em favor da sua opinião a do proprio ministro Batbie, tambem lente, consignado n'um tratado de direito feito por elle. Humilhado e corrido, o ministro viu-se obrigado a declarar que como professor tinha uma opinião, e como ministro outra!

O governo ficou ainda em peor situação, quando se discutiu uma interpeção de Julio Favre sobre a politica interna. Atacado com vehemencia para declarar se era legitimista, ou leanista ou bonapartista, o duque de Broglie não teve pejo de delarar que não respondia ao illustre preopinante, mas se dirigia só á maioria da assembléa. E accrescentou, formaes palavras:

— «A'quelles que nos honraram com a sua confiança veu dar explicações a que elles tem direito. Os outros escutarão.»

O julgamento do marechal Bazaine, a que só podemos alludir aqui, foi um dos factos mais notaveis durante o tempo do governo do duque de Broglie. Outros que se lhe seguiram de perto, merecem especial menção: a prolongação dos poderes de Mac-Mahon por espaço de sete annos, e a regeição de um projecto para a creação de uma segunda camara, o senado. Este ultimo facto tem a sua explicação natural no pensamento que tinha o governo de tornar pessoal o septenato, que acabaria com o marechal, e serviria para degrau do throno.

O centro esquerdo propoz então a dissolução da assembléa, que esta regeitou. E n'essas constan es hesitações acabou o anno de 1874.

Em 1875 foi promulgada a constituição, e o ministerio Buffet veiu substituir o do duque de Broglie, que deixou o poder por causa da sua complacencia com os bonapartistas. E o ultimo dia d'esse anno foi tambem o da ultima sessão da assemblea nacional de 1874, que terminou com os gritos de «Viva á França! Viva o marechal!» Reunidas as camaras em 1876, veiu a discussão a amnistia dos condemnados por factos relativos á communa de 1871, e a cessação dos pesquisas feitas com relação a indivi-

duos implicados na insurreição de 18 de março. E o ministerio foi substituido por outro, a que presidiu o sr. Julio Simon.

Passadas algumas discussões agitadas, e removidas pela prudencia tanto do sr. Julio Simon como de Gambetta, as causas de uma nova crise ministerial, a camara proseguiu tranquillamente nos seus trabalhos, occupando-se da lei da organização municipal que propunha a publicidade facultativa das sessões dos conselhos municipaes, e da revogação parcial da lei da imprensa. Apesar de uma votação contraria á opinião do sr. Julio Simon, a situação não era grave, e por isso foi geral o espanto quando no outro dia appareceu na folha official uma carta do presidente da republica, em que este notava aos ministros não terem feito valer na tribuna as fortes razões que havia para impedir a votação da proposta de lei sobre a revogação parcial da lei da imprensa, e que o ministro do reino não houvesse entrado na discussão da lei municipal, em que havia disposições, cujo perigo elle proprio tinha reconhecido em conselho de ministros.

«Esta attitude do chefe do gabinete—concluia o marechal de Mac-Mahon—dá motivo a que se pergunte se elle conservou na camara a influencia necessaria para fazer prevalecer as suas vistas.—E' indispensavel uma explicação a este respeito; porque, se eu não sou responsavel, como vós, perante o parlamento, tenho para com a França uma responsabilidade, da qual hoje, mais que nunca, devo preoccupar-me.»

A carta, dirigida ao presidente do conselho, que apresentou logo a sua demissão e a de todos os seus collegas, era um verdadeiro attentado ao regimen parlamentar. Na noite d'esse mesmo dia, Gambetta, n'uma reunião politica de trescentos membros da esquerda, estabelecia e sustentava os bons principios, da maneira seguinte:

«Ha na carta presidencial a affirmação de uma responsabilidade propria, a expressão de um poder pessoal. Vós respondeis pela affirmação da auctoridade do paiz, do qual sois os representantes.»

«Os vossos delegados pensaram que deviam affirmar tres idéas principaes:

•Restabelecer uma vez mais os principios do governo parlamentar sobre a base da responsabilidade ministerial escrupulosamente respeitada;

•Recordar que a politica republicana é a garantia da ordem e da prosperidade interior;

•Resistir a toda a politica de acaso que, sob a influencia de certas agitações culpadas e mantidas por não sei que pretendente, poderia lançar a França, este paiz da paz, da ordem e da economia, em aventuras dynasticas e guerreiras.»

Accepta a demissão do governo, foi novamente encarregada da formação do ministerio o duque de Broglie.

Esta evolução politica do marchal de Mac-Mahon é conhecida pelo nome do 16 de maio, data da carta. Erro gravissimo, d) que resultou a sua qué la desastrosa.

O juizo da imprensa allemã sobre esse facto, absolutamente imprevisito, foi o mais seguro. Disse a *Gazeta de Berlim*: «Supposto que a empresa vingue, apresenta-se sempre a mesma questão: *E depois?*» Os outros jornaes notavam o character clerical do novo gabinete, aconselhavam ao seu governo a maior vigilancia, e insistiam ao mesmo tempo na alliança com a Italia.

Seguiu-se a brave trecho o decreto de dissolução da camara de 25 de junho de 1877.

Os deputados separaram-se cobrindo de applausos estas palavras do seu presidente, o sr. Grévy:

«O paiz, perante o qual a camara volta, lhe dirá dentro em pouco que na sua carreira muito curta ella não deixou um só dia de bem merecer da França e da republica!»

A victoria dos republicanos foi incompleta, se attendermos a que nas eleições a que se procedeu, 36 dos membros da esquerda não foram reeleitos, mas, considerando que no decurso de 1878 e nos primeiros mezes de 1870 foram annulladas 79 eleições, que deram em resultado 62 eleições de republicanos, o partido veiu a ter na camara mais 26 votos do que tinha antecedentemente, sendo ao todo 389.

Bem o dissera Gambetta:—*Submissão ou demissão!*—E ambas as cousas se verificaram. Submetteu-se o marechal quando chamou Dufaure para formar governo, e demittiu-se por se recusar a pôr a sua assignatura n'um relatorio sobre a applicação da lei de 1873 relativa aos grandes commandos e n'um decreto que punha na disponibilidade dez generaes conservados no seu posto, havia tres annos.

Procedendo se a nova eleição de presidente, em janeiro de 1879, recahiu d'esta vez a escolha n'um verdadeiro republicano, o sr. Grévy.

Estava fundada a republica em França.



A PRINCEZA REGENTE DO BRAZIL.

UM SEGREDO

(Trad. do hespanhol)

N'uma das ruas mais espaçosas da formosa Cadiz erguia-se, pelos fins do seculo passado, um palacete de um andar só. No momento em que começa a nossa historia, uma mulher de notavel belleza está recostada n'um sophá. A mão alvissima sobre que repousa a gentil cabeça, está meio occulta n'uma onda de cabellos louros. Cobre-lhe as formas juvenis e airosas um penteador de finissima bretanha guarnecido de magnificas rendas de Flandres. Por baixo do roupão apparece a ponta do pequenissimo pé, calçado com um sapatinho de setim branco, sobre uma meia de seda côr de canna. Na mão esquerda, que segura um lenço de cambraia primorosamente bordado, brilha um magnifico diamante. De espaço a espaço a juvenil dama leva o lenço aos olhos para enxugar uma lagrima que desliza preguiçosamente pela face. As lagrimas que assim saltam dos seus vividos olhos azues, são o pranto do odio e do desespero. Que motivo as provoca? E' o que a leitora vai saber.

A joven Ismenia era filha de um fidalgo irlandez, D. Patricio O'Carty, pertencente a uma familia que emigrára de Ioglaterra depois da usurpação de Cromwel.

O'Carty desposára uma senhora hespanhola, de onde provinha que Ismenia partilhava da belleza das duas castas; ás formas gentis do typo andaluz reunia a mimosa carnação alva e rosada peculiar da raça ingleza. Sob o ponto de vista moral, Ismenia não era menos bem dotada do que physicamente. Character altivo e imperioso não é para admirar que houvesse recusado desdenhosamente os requeostos de mil adoradores.

As guerras que arruinaram a Hespanha haviam comprometido a fortuna de seu pae que, apenas viuvo, se retirára para Chiclana, sem lograr sequer salvar os restos da passada opulencia, nem mesmo o palacio que habitára, o qual foi posto em praça e arrematado pelo conde de Alziva, homem de cincoenta e cinco annos, cuja fortuna havia sido herdada de um sobrinho. O general, no seu regresso de Havana, tinha ido habitar em Sevilha, mas fôra tão mal recebido por sua cunhada, a qual se viu esbulhada, bem como suas filhas, da fortuna e titulo que lhe pertenciam, que resolvera deixar Sevilha e estabelecer a sua residencia em Cadiz. O general era homem de boa sociedade, de nobres sentimentos e alma generosa. Pretendendo uma vivenda de campo, inculcaram-lhe a de O'Carty. Foi vel-a, ficou encantado com a casa e mais ainda da seductora filha do irlandez, que encontrou coberta de luto, os cabellos soltos pelas costas e os olhos banhados de lagrimas, provas eloquentes da desastrosa catastrophe que acabava de soffrer.

Profundamente commovido, o general ajustou a compra da casa e pediu a O'Carty a mão de sua filha.

E' escusado dizer que a proposta era um expediente salvador que ia evitar a queda no abysmo cavado pela desgraça. A noticia do casamento excitou as iras da cunhada do general, que irrompeu n'uma torrente de improperios contra o cunhado e contra Ismenia, ridiculizando-a e vaticinando á fidalguinha arruinada e interesseira que ia desposar-se com um valetudinario, que já-mais teria successão e, portanto, que Deus, na sua eterna justiça, faria volver a fortuna á familia que d'ella fôra despojada.

Semelhante injuria chocou profundamente o orgulho de Ismenia; o que porém mais enraizou o seu odio foi decorrerem dois annos depois do seu casamento sem haver a minima esperança de successão! Dir-se hia que o ceu houvera negado a benção a um enlace em que da parte d'ella não existiam as minimas aspirações ao amor materno, mas sim unicamente a cobiça ignobil e o torpe desejo de humilhar uma inimiga.

Era sob esta pungente disposição de espirito que nós fomos encontrar Ismenia, condessa de Alziva, banhada em lagrimas de colera e despeito.

Ao anoitecer penetrou na sala uma mulher chamada Nora, que fôra ama de Ismenia. Nora era uma creatura astuta e ambiciosa, que dera a Ismenia pessimos exemplos.

—Choras? disse ella; verás que hasde perder a um tempo marido, fortuna, consideração, mocidade, belleza, tudo, n'uma palavra. Depois d'isso sabes o melhor que tens a fazer? E' metteres-te a freira e ires resar nas contas.

—Bem o sei e é por isso mesmo que choro.

—E quem te diz que se não pode remediar o mal? Está na tua mão, minha amiga. A esperança é o ultimo bem que devemos abandonar.

—Palavras ô:as... Tu bem conheces que as minhas esperanças são tão estereis como o meu casamento!

—Ora dize-me: pois ter um filho ou adoptal-o não é tudo uma e a mesma coisa?

—O conde não annuiria...

—Mas para que é preciso que elle o saiba?

—Um cmbtstel um crimel... Tu enlouquecestel...

—Deixa-te de palavras. Chega a ser uma obra de caridade de que algum desgraçadinho aproveitará...

—Nunca! bradou Ismenia. Jamais me sujeitaria a viver escrava de um segredo deshonoroso!

—Segredo que no fim de contas só eu sei e de que sou unicamente responsavel.

—Precisarias de um cúmplice, de...

—Está bem visto, mas essa pessoa nada saberá. Já descobri até quem hade ser... Teu marido vae partir para Havana, e combinamos; quando voltar, encontrará um filho.

—Nora, Nora!... Não ha perversidade que tu não imagines!

—Filha, mas, se é para teu bem!...

—Eganar um homem como o conde é a mais hedionda das infamias!...

—Filha, pois não é uma coisa que se está vendo a cada passo?... E quando a infidelidade é o instrumento do embuste, não é mil vezes peor?...

N'este entanto entrou o conde.

—Acho-te pallida, minha filha, pareces-me abatida... Que tens tu?

—Sinto-me bem...

—Felizmente, obtemperou Nora, dirigindo ao conde um sorriso malicioso e significativo, o mal de que ella padece não precisa de medico...

Ismenia cobriu-se subitamente de um rubor de pejo.

—Estás louca! E' melhor que te cales!

—Pois calarei, calarei...

Um raio de esperança illuminou de repente a phisionomia do general.

—E' possível, balbuciou elle, cobrindo o rosto de Ismenia com um olhar de ternura.

—Pois não tinha percebido ainda o motivo d'este abatimento?... Ella não quer que eu diga isto; mas eu, que já sou raposa velha...

—Mentel exclamou Ismenia.

—Pois bem, dá tempo ao tempo e...

N'esse momento soaram seis horas no relógio.

—Seis, não ouviu? Pois d'aqui a outros tantos mezes nós teremos a resposta...

O secretario do general era um seu afilhado, filho da velha caseira da herdade de Chiclana. Foi esse de quem Nora se lembrou para executar o seu nefando projecto.

Uma carta que o general enviára de Cadiz, a Ismenia, terminava dizendo:

«No meu regresso irei encontrar nos teus braços o avjo que deve consolidar, mais ainda, a nossa felicidade. Se precisares alguma coisa, recorre a Lazaro, no qual podes confiar plenamente.»

Nora, em presença d'esta carta cujo conteúdo ella interpretou a seu modo, tornou Lazaro confidente do mysterio que o pobre rapaz não tratou de discutir pela extrema consideração que tinha pelo general. Partiu, pois, para Cadiz, perfeitamente inconsciente da obra iniqua a que se associára e trouxe o engeitado. Passado tempo, Nora, resolvendo afastal-o encarregou-o de ir a Cadiz tratar de negocios da casa. Soube-se mais tarde que em consequencia de um d'esses mysterios do acaso, que tão relevantes serviços prestam ás vezes ao crime, o navio em que elle embarcára dera á costa em Conil, morrendo quasi toda a tripulação, e sendo Lazaro um dos que não conseguira salvar-se. Ismenia ficou aterrada com a terrivel noticia.

O profundo desgosto da mãe de Lazaro, de que só ella era culpada, encheu-lhe de fundos remorsos o coração.

Apoz uma ausencia de seis mezes, Ismenia partiu para Cadiz, a esperar seu marido, acompanhada d'uma ama com uma creança nos braços.

A justiça divina foi porém terrivelmente inexoravel para com a desditosa condessa. O seu crime devia produzir as mais cruéis consequencias...

Ismenia deu successivamente ao conde dois filhos cujo nascimento inesperado a fulminaram de terror!

O engeitado era um rapaz digno, um character franco e uma alma nobre e rasgada. Era elle quem no coração do general occupava o primeiro lugar. Por um generoso impulso de equidade, o nobre ancião, testemunha da antipathia que Ismenia manifestava para com Alberto, esmerava-se em compensar essa injustiça disvelando-se em affectos e carinhos. O remorso que ulcerava o coração de Ismenia, ia-lhe dilacerando a alma e definhando o corpo.

Os medicos chamados pelo general insistiam em que Ismenia se retirasse para o campo; foi pois decidido que partiriam no dia seguinte para Chiclana.

Maria, a pobre velha, mãe de Lazaro, apenas ouviu os guizos dos muares, correu pressurosa a abraçar a condessa, que já não parecia a mesma. Já não era a elegante de outro tempo, senão a sua sombra, que descia da carruagem encostada ao braço do general e amparada pelo medico, que a ajudaram a subir a escada. Aos 23 annos, perdera todas as louçanias da mocidade.

—Maria, perguntava a condessa, como tiveste animo de sobreviver a teu filho?

—Então, minha senhora... resiguei-me com a vontade de Deus.

CLAVELINA

Tempo de Valsa

Por José Fernandes Escazena

Introdução

VALSA

The musical score is written for piano and consists of an introduction and a waltz section. The introduction is marked 'Tempo de Valsa' and begins with a forte (*sf*) dynamic. The waltz section is marked 'VALSA' and starts with a piano (*pp*) dynamic. The score includes various musical notations such as dynamics (*sf*, *pp*, *p*, *f*, *dim*, *cresc*), articulation (accents), and performance instructions like 'rall. - poco a poco' and 'com 8va'. The piece concludes with a 'CODA' section and a 'Fin.' marking.

WALSA composta pelo sr. José Fernandes Escazena

— Quando nos podemos resignar ainda é uma fortuna...

— Aqui, n'este mesmo sitio, disse-lhe eu um dia, lembra-se? como eu estou scerba do meu Lazaro... Mas então... que quer? Nosso Senhor quiz levar-o para si... Ah! mas pode acreditar, minha senhora, que deixou o mundo sem ninguem ter que lhe dizer. Deus bem o sabe! Eu curvei a cabeça e resignei-me... que havia eu de fazer?... E a pobre velha soluçava, enxugando as faces rugosas de onde corriam lagrimas amargas.

Ismenia não teve animo para ouvir mais. Inclinou para traz a cabeça e desfalleceu.

Quando voltou a si todos se haviam retirado; só Nora a fitára acompanhando.

Soaram no relógio doze horas.

Doze! exclamou ella. Doze annos ha tambem que eu vivo assim!...

Batia-lhe agitado o sangue nas fontes. Offegante do peso que lhe esmagava o seio, desceu do leito, correu á janella e abriu-a de par em par, afim de respirar o ar puro do campo. No quarto contiguo oravam juntas Maria e sua sobrinha, a noiva de Lazaro.

— Ah! exclamou Ismenia, torcendo as mãos, quem me dá a poder rezar assim... Não! eu sou indigna de juntar as minhas preces ás d'essas creaturas! e prostrando-se no solo, assim ficou até ouvir o ultimo amen. Ao erguer-se, deu com os olhos em Nora, que havia adormecido n'uma poltrona.

Emquanto a innocencia vela e Nora, dorme placida a torpeza e a iniquidade! Não sei qual é mais hodiando, se aquelle somno tranquillo, se o proprio attentado. Ha no passado um crime; no presente uma usurpação, no futuro a justiça terrivel de Deus; e tu dormes o somno calmo dos justos!...

Ergue-te monstro! e vem ao menos quinhoar das angustias da mulher que arrastaste ao crime! Sou culpada, bem o sei; mais criminosa do que ninguem, mas se não fôras tu, estaria innocente!...

Aos gritos de Nora, que despertára assustada, accudiram todos e vieram encontrar a condessa entregue a uma crise nervosa, visinha da demencia.

O general, sentido á cabeceira do leito, orava fervorosamente por aquella mulher que elle tanto amava. Após breves momentos d'uma somnolencia agitada, Ismenia acordou, soltando um profundo gemido. O general abraçava-a e cobria-a de beijos.

— Socega, minha filha, estas crises são uma reacção benefica. Verás que hasde ainda restaurar todas as tuas forças.

— Pois eu dormi!... Como se pode dormir á beira da sepultura? Senta-te, meu querido amigo, tenho de me confessar a ti como a um juiz; preciso implorar toda a tua clemencia.

O general, attribuindo estas palavras ao delirio da febre, rogava-lhe que guardasse as explicações para o dia seguinte.

Sinto-me morrer e, confesso do fundo da alma, não levo saudades dos bens da terra! um só, um só ambiciono: é levar para a sepultura o teu perdão!

— O general continuava a suplicar-lhe que socegasse; Ismenia porém insistiu:

— Por Deus não me repudis, nem me abandones nos meus ultimos momentos. Não tornes a minha agonia mais cruciante amaldiçoando-me!...

Banhava a fronte da pobre moribunda um suor frio. Fazendo porém um supremo esforço, continuou:

— Sei que vou alancear-te o coração; mas prefiro isso a sentir entre as agonias da morte pungir-me a dôr do remorso.

Aqui tens uma declaração assignada por mim; evitarei d'este modo que se effectue uma expoliação infame, um abuso atroz contra a tua boa fé. Esse papel vae revelar-te que Alberto não é nosso filho!

O conde, fulminado por estas palavras, cahiu n'uma cadeira occultando o rosto entre as mãos.

— Alberto não é nosso filho? E' então...

— Um engeitado.

— Mas com que fim... Ah! comprehendo tudo!... A ambição!... Ah! mas que torpeza!...

— Piedade para a minh'alma! bradou a condessa.

— Era uma infame!... bradou o general com toda a indignação da probidade atraiçoada. Maldita sejas!...

A dôr profunda, a severa condemnação do general, abriram á beira da sepultura um fundo abysmo. Dos labios que acabavam de proferir aquelle terrivel anathema, não podia já soltar-se uma palavra de misericordia ou perdão, que a moribunda preferisse á propria vida. A desgraçada, precipitando-se do leito n'um impeto de dôr, foi cahir de joelhos e mãos postas aos pés do conde.

— Perdoa-me pela infini'a misericordia de Deus!...

Fôram as suas ultimas palavras. A voz embargou-se-lhe na garganta ao soltar o ultimo alento de vida.

O conde, ao vel-a debater-se nas vascas da morte, inclinou-se para aquella mulher que elle adorava, tomou-a nos braços, mas quando a apertava ao peito para beijal-a, já não beijou senão um cadaver!

N'esse momento a fatidica pendula fazia soar a meia noite...

A recordação d'esta scena cruciante, envenenou os ultimos annos da vida do desventurado conde. Quantas vezes elle se ac-

cusava de não haver preferido uma palavra de perdão que podesse ter prolongado, ou suavizado, ao menos, os derradeiros momentos da misera esposa!...

Um outro pensamento não menos doloroso lhe amargurava a existencia: era o segredo fatal de que só elle era sabedor, porque Nora, succumbindo ao peso do remorso, havia enlouquecido.

Era impossivel revelar o segredo sem sacrificar Alberto, a quem elle consagrava sempre a mais profunda estima.

Salteara-lhe mais de uma vez o espirito a idéa de levar consigo para o tumulo o fatal mysterio, mas como instituir chefe de familia um intruso, usurpando os direitos dos legitimos successores?...

A consciencia sã jamais trasige, não permite nunca que se conciliem as leis do dever com as conveniencias do coração!...

Ao cabo de um anno chegára ao general a hora extrema. A esse tempo os seus tres filhos eram homens feitos. Alberto era official de artilheria; o segundo seguira a carreira de marinha e o mais novo acabára de se formar em direito.

O general, recostado, no sophá attentava n'elles com a suprema expressão da ternura. Ao fitar Alberto marejaram-se-lhe de lagrimas os olhos. Conhecendo que se aproximava o termo da vida, «Meus filhos, exclamou serenamente, ha muito que guardo n'alma um segredo que deve causar a desgraça de um de vós. O coração desmente as minhas palavras, e todavia pungente é confesal-o: um de vós tres não é meu filho.»

Os tres mancebos ouviram mudos e pallidos esta declaração.

— Sabem que os tenho amado por igual. Ninguem, do mesmo modo que vós, sabe qual dos tres é meu filho. Qual de vós, accrescentou com ternura, sente por mim menos amor? Dizei-o, dizei o francamente.

Os tres mancebos lançaram-se-lhe nos braços, suffocados em lagrimas.

Pois bem: se o coração nada lhes segreda, forçoso é declarar-vol-o.

Os tres rapazes, estreitando-se em fraternal abraço, bradarão a um tempo, espontaneamente:

— Não diga, meu pae, não queremos saber o!

O conde, levantando os olhos para o ceu e já no estertor da agonia, ponde balbuciar:

— Obrigado, meu Deus!... E vós, nobres almas que soubeis cobrir com o sacro veu do amor paterno o segredo fatal que traria a um de vós o infortunio, sede para sempre abençoados!

Cingiu-lhes as cabeças com os tremulos braços e, expirando, repetiu:—Sede abençoados!

VIDIGAL SALGADO.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISCONDESSA DE S. CAETANO

Finou-se pela madrugada do dia 4, em Vizeu, depois d'um longo e cruel soffrimento, esta gentil e bonissima senhora, cujos braços amparavam, na capital da Beira, tantas creancinhas orphãs, tantos velhos pobres e sem arrimo, soccorridos pela sua caridade, protegidos pelo seu amor.

A viscondessa de S. Caetano amava os velhos e as creanças, como as mães amam os filhos, com dedicações que tocavam o delirio, com extasis, que reviam a bemaventurança com soffrimento se elles padeciam, e jubilos effusivos, se elles gosavam, que constituíam todas as divinas loucuras, todas as celestes voluptuosidades d'essa paixão, que a nenhuma outra se assimelha e que só as mulheres comprehendem—a paixão da maternidade.

A sua vida foi uma tortura dantesca, a que só a morte poderia trazer um eterno somno,

A vida dos infelizes que soccorria, vae ser um desamparo, ermo d'affectos, com um futuro desflorado de esperanças.

São d'um jornal de Vizeu as sentidissimas linhas que vão ler-se, allusivas ao enterro da gentil e illustre dama cujo nome se perpetuará eternamente, envolvido na lenda do amor, unido pela caridade e divinizado na adoração dos pobres.

«Até que emfim lhe chegou a hora de repousar. Não foi cedo porque aquillo, vae em dois annos, não era viver, era um supplicio incomportavel, era a ultima affirmacão da dôr e da miseria. Desgraçada victima! Mal se comprehende como o corpo humano, de si tão fraco e perecivel pôde aguentar per tanto tempo tamanhas dores.

Da casa de S. Caetano ao cemiterio de Ranhados, os caminhos estavam orlados de gente do povo. O caixão ia atravessando, ao som melancolico d'uma marcha funebre; e, de entre os magotes de povo, sabiam exclamações cheias de convicção:

—Ali vae a mãe dos pobres! Ali vae a nossa mãe!

Prece, a mais sublime, que podia cahir sobre o teu corpo inanimado, virtuosa senhora! A igreja não tinha responso mais sublime a resar-te, nem os biographos encontrariam, para abençoar-te a vida extincta, mais sentida phrase!

Sim, foste a mãe dos pobres! Foste uma das mais doces testamentearas do testamento d'amor feito por Christol

Dai aos pobres, consolai os tristes e amai-vos uns aos outros, recommendou elle.

E tu repartiste pelos necessitados os teus bens de fortuna; e tu aconchegaste ao peito transbordante de piedade os orphãos e desamparados; saciaste os famintos e cobriste os nus. Foste a filha da velha sem arrimo, a companheira amparadora do operario sem salario, a mãe de todos os que soffriam, choravam e luctavam sem esperança!

A mãe dos pobres, sim, como entre soluços repetiam os que, orphanados da tua caridade, te lançavam na passagem para a ultima morada as benções da sua gratidão, que eram ao mesmo tempo a glorificação das tuas virtudes.

Bem dita seja a memoria da viscondessa de S. Caetano como bem dita foi a sua jornada pela terra.»

A PRINCEZA REGENTE DO BRAZIL

Votando por unanimidade a abolição completa e immediata da escravidão, a camara dos deputados brazileira curpiu, antes de se encerrar, os desejos mais vehementes de Pedro II.

O sympathico soberano, cuja saude inspira, desgraçadamente, graves inquietações, queria, ao voltar aos seus estados, encontrar só homens livres em toda a extensão do imperio.

Foi a princeza herdeira, D. Isabel, investida da regencia durante a viagem de seu augusto pae pela Europa, quem promulgou a nova lei, já conhecida dos nossos leitores. A princeza imperial do Brazil desempenhou esta alta missão d'uma fórma superior a todo o elogio.

*

Do seu enlace com o principe Gastão d'Orléans, conde d'Eu, filho do duque de Nemours e d'uma princeza de Saxe, a princeza Isabel não teve filhos durante dez annos. Considerava-se já o filho da princeza mais nova, D. Leopoldina, esposa do principe Augusto de Saxe Coburgo-Gotha, como herdeiro presumptivo, quando, em 1875, D. Isabel deu á luz um filho.

Os medicos receiaram muito pela vida d'este, durante uns poucos de dias; como o principe Guilherme da Allemanha, o principe Pedro do Grão Pará teve de recorrer a todos os segredos da medicina para luctar contra a sua constituição fraquissima. Nasceram ainda mais dois filhos, mas a saude d'esses, não inspirou nunca o menor receio.

A successão ao throno do Brazil, está pois segura.

*

A princeza imperial é d'uma simplicidade extrema na sua maneira de viver, e tem o maximo desprezo pelos artificios de toilette, a que os brazileiros, em geral, dão uma grande importancia. D. Isabel é alta, como seu pae, graciosa e bonissima como sua mãe. A sua força de vontade, nobreza de sentimentos e gosto do bello, tornaram-na digna de occupar um logar no throno.

Pianista consumada, a princeza imperial admira os classicos da musica e gosta de os interpretar diante dos seus intimos.

A princeza tem grande predilecção pelas flores, e nas festas que dá, todas as escadas, galerias e janellas, todas as salas do palacio se encontram cheias de plantas raras, de bouquets formosissimos, feitos por suas proprias mãos.

O seu palacio não apresenta luxo, no sentido europeu da palavra; mas, graças á profusão de luz e de flores, offerece um aspecto lindissimo e encantador em noites de festa.

A princeza regente é muito respeitada pelo seu povo, que, até hoje, só lhe fez uma censura—a de proteger ostensivamente o clero.

Como sua augusta mãe, a quem os brazileiros chamam a *santa*, D. Isabel espalha o ouro a mãos largas sempre que se trata de melhorar a sorte da nação.

A princeza tem, no mais elevado grau, as qualidades que o throno exalta, mas será, de certo, uma soberana popular, no sentido ideal da palavra.

CLAVELINA

A walsa que hoje damos no nosso brinde, foi composta pelo sr. José Fernandes Esczeza, mestre da banda de infantaria 16, já conhecido por outras composições.

A sua walsa, de lindissimo effeito, é mais uma demonstração dos recursos que possui tão distincto professor.

OBSERVATORIO ASTRONOMICO DE COIMBRA

E' um dos edificios mais notaveis da *Lusa Athens*. Dão-lhe encantador relevo a posição e a apparencia.

O observatorio, e quasi tudo quanto ha de mais grandioso na Universidade, foi obra do marquez de Pombal, coadjuvado pelo virtuoso e esclarecido bispo-conde, reformador-reitor, D. Francisco de Lemos.

A gravura que hoje publicamos apresenta o edificio visto do pateo da Academia, pateo que elle fecha para o lado do sul.

O observatorio de Coimbra mede 19 braças de comprimento, 10 e meia na maior altura e 5 de profundidade.

O primeiro pavimento divide se em salas, ás quaes serve de centro um pequeno quarto quadrado. Na sala da direita está a aula de astronomia e na esquerda o deposito dos instrumentos que não teem assento fixo.

Contiguos a esta sala, no extremo do edificio, que na estampa nos fica mais proximo, ha dois gabinetes que servem de archivos.

O gabinete das observações é situado no extremo opposto. Tem uma janella, e sobre ella uma fresta aberta expressamente para de dentro se observarem as passagens dos planetas e das estrelas pelo meridiano.

Aos lados do segundo pavimento ha dois eirados com guaritas nos angulos. Na sala do centro vê se, dentro de uma calha praticada no chão, um fio muito tenue, de metal, traçando a meridiana.

No andar superior está o grande sector de Adams, de que não se faz uso.

O ultimo eirado do edificio, está no ponto mais elevado de Coimbra, depois da torre da Universidade. D'ahi se descobrem variadissimas paizagens, o Vouga, o Mondego, Louzã, Caramulo, Bussaco, etc.

CESAR A. PAIVA

O homem cujos traços biographicos hoje damos, é um d'esses poucos que souberam ter a coragem e a energia necessarias para se elevarem acima das mediocridades.

Não o intimidou a terrivel batalha em que muitos se ferem sem resultado, quando não teem a egide de um nobilissimo nascimento ou de uma protecção valiosa.

Arcando peito a peito, sem treguas, a qualquer desalento,—e todos os que teem conquistado por si mesmos a sua posição devem conhecer que os ha e crudelissimos—, Cesar A. Paiva, nascido de paes humildes, soube obter uma posição honrosa na profissão que escolheu.

Nascido em Castello de Vide a 22 de maio de 1854, já aos 17 annos conseguira angariar meios para sustentar a escolhida do seu coraçõ, uma virtuosa e interessante companheira, á qual se entrelaçara, não pelos bens de fortuna, mas captivado pelos dotes da formosura e do coração. Tres filhos vieram alegrar-lhe o lar, mas tornar-lhe mais penosa a vida pela necessidade de obter maiores proventos. Mais do que nunca se lançou ao estudo, tarefa tanto mais difficil que para isso se via obrigado a trabalhar com mais afino, trabalho por assim dizer material, para prover ás despesas que ainda por esse motivo o vinham sobrecarregar. Teve de roubar ao descanso da noite algumas horas, que consumia com os livros.

N'essa labutação levou cinco annos, conseguindo fazer o curso preparatorio no lyceu de Portalegre.

Quantos, com bastos meios de fortuna, dispondo de tempo e das influencias patrocinadoras, teem levado mais tempo para esse fim!

Vindo residir em Lisboa, matriculou se na Escola Medica, onde, vencendo com a sua costumada energia e não vulgar talento todos os obstaculos,—esses obstaculos com que luctam os pobres,—completou o curso de cirurgia.

A 5 de maio de 1884 f. z acto.

Viajou depois nas provincias, onde mostrou a sua rara pericia como cirurgião dentista, regressando depois a Lisboa, fundando o consultorio da rua do Arsenal, n.º 100.

A 15 de julho de 1885 foi nomeado cirurgião dentista da casa real, por indicação de um distinctissimo clinico da real camara.

Fez varias viagens a Paris a Londres e outras capitães estrangeiras para se aperfeçoar na sua especialidade, tendo estudado com o dr. Janin, especialista das doenças da bocca e dos dentes.

Com a excursão ao estrangeiro colheu muitos diplomas que affirmam lisongeiamente a sua capacidade, e adquiriu para o seu consultorio optimos apparatus. Os processos mais complicados da sua profissão são-lhe familiares, tal é, por exemplo, a dentadura artificial e a solidificação do ouro em barra na carie do dente.

E' de trato affavel, modestissimo no viver, bonissimo chefe de familia, e um protector espontaneo de todos que o chamam em seu auxilio.

Cesar A. Paiva é pois um cidadão benemerito e um honrado trabalhador.



OBSERVATORIO ASTRONÓMICO DE COIMBRA

Um homem que, além dos merecimentos da sua especialidade deve tudo ao seu esforço, á sua intelligencia e ao seu intensissimo amor pelo trabalho.

PORTO DAS PEDRAS

Villa de Brazil na provincia das Alagoas, na margem esquerda e perto da foz do rio Manguapá.

Primitivamente foi uma aldeia, cujo orago era Nossa Senhora da Conceição.

Em 1815 foi elevada á cathogoria de villa; até ahí era conhecida indifferentemente pelo nome de Porto Real ou de Aguas Bellas.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas electricas

A's direitas e ás avessas, tem meu pae mais do que eu—3
A's direitas, verbo; ás avessas, nos pinheiros—2.
A's direitas e ás avessas, alimenta—2.

MOREIRA.

Charada mappa

19	19	Beca
19	19	Louvor
Animal	Peixe	

Arneiroz.

J. L. PEDETTUA.

Decifrações

DAS CHARADAS: — Ave — Maria — Salsa — Faca — Lisboa — Arcano

DOS ENIGMAS: — Traste —

C	ondo	R
A	ntonin	O
T	at	U
U	lysse	S
L	avaçé	S
T	apislazul	I
O	rio	Z

UM CONSELHO POR SEMANA

Na epoca de calores estivaes que corre, é preciso ter o maximo cuidado com a alimentação. Duas prescripções se impõem principalmente:—beber com moderação e dar a preferencia aos alimentos solidos e seccos.

Um aviso salutar:—não se abuse do gelo.

A theoria do divorcio na pratica

(René de Maizeroy)

... A despeito de ter pleiteado as causas mais comicas, mais inverosimeis, mais extravagantes, de ter explorado a obscura lei do divorcio, artigo a artigo, como uma mina da California, o advogado Garrulier, o célebre, o unico Garrulier, não poude cohibir-se de recuar a cadeira, de sacudir a cabeça e franzir os labios com um vago sorriso malicioso, quando a condessa de Baudémont lhe explicou, pela primeira vez, o seu negocio.

O advogado acabava de abrir o seu correio. As suas mãos compridas e muito cuidadas embeberam-se em um masso de cartas femininas; dir-se-ia que se estava no confissionario de um pregador da moda, tanto a atmosphaera se impregnara de perfumes subteis.

Acto continuo,—ainda a condessa não abriera a bôca—o advogado, com o seu agudo olhar de perito, com esse olhar, classificado pela phrase da formosa senhora Serpenoise: «Despe-nos o coração,» assignalara á nova cliente a terceira cathogoria.

Primeira, as que soffrem. Segunda, as que amam. Terceira, as que se enfastiam.

Sim, era isso exactamente. Um bonito moinho de vento, gy-rando sempre, sempre, e enchendo o céu azul com uma palpitação de alegria. Cerebro de passaro, incapaz de conter quatro idéas justas e sãs, invadido a todo o instante pelos sonhos e pelas chimeras. Incapaz de fazer mal a uma mosca, predisposto ás commoções, ás caridades, enternecendo-se ao aspecto de uma pequenita que vende bouquets de violetas de dois soldos, de um cavallo de fiacre que brutalisa um cocheiro, de uma melancolica tumba de pobre que passa desacompanhada, sem amigos, sem parentes, para ir dormir na grande valla commum, é illudindo os seus tedios, com o divertir-se cinco minutos a zombar dos homens, desgraçando os para o resto dos seus dias, accendendo paixões que devoram, convencida de que a vida é muito breve para poder ser mais do que uma festa ininterrompida, visto que nunca é tarde para se entrar no caminho da seriedade, da ponderação e da razão, ao cair da noute, na sombra do sol posto, quando o esp.lho reflecte uma mascara enrugada, emmoldurada de cabellos brancos.

Uma Parisiense pur sang, pois então! para seguir a qual um homem iria até ao fim do mundo, como um fraidiqueiro, adorando a com a cabeça, o coração e os sentidos, a ponto de enlouquecer se lhe aspirar o perfume, se lhe tocar na pelle, se a ouvir rir; a ponto de bater-se em duelo para merecer-lhe um olhar, de arriscar a vida, de levantar montanhas e de vender a alma ao diabo.

Ella viera, talvez só para ver de perto esse Garrulier de quem tantas vezes ouvira fallar, das cinco ás seis da tarde, para poder em seguida descrevel-o ás suas amigas com phrases extravagantes, imitando os gestos e as inflexões unctuosas da sua voz, porventura para conhecer um novo genero de sensação, ou talvez para fazer uma toilette de «mulher que se divorcia.»

E não faltava nada n'essa toilette: nem a deliciosa capota bordada a contos, que imprime um tom serio aos frizados de ouro, ao narizinho imperceptivelmente arrebitado, de narinas palpitantes, aos grandes olhos cheios de enigmas e garotices, nem o vestido de Chantilly, nem o casaco de panno escuro, fechado na gola com um alfinete cravejado de saphiras e brilhantes...

O advogado não a interrompeu, deixou-a expandir-se, tagarelar, enumerar os seus aggravos contra esse pobre conde de Baudémont, que nem sequer suspeitava o passo que sua mulher déra e que ficaria bem admirado se lh'o dissessem no Club, a essa hora em que elle dava a sua lição de esgrima.

Por fim, o advogado exclamou, friamente, como quem atira um balde d'agua para cima de um fogo de palha:

—Mas, minha senhora, em tudo o que me contou, não ha o menor pretexto para divorcio... E se eu o promovesse, os juizes julgar-me hiam doido varido.

Vendo-a toda despeitada, tal como uma creança a quem quebram um bonito, e como ella era linda, a ponto de fazer gosto

beijar-lhe os dedos, e parecia alegre e espirituosa, o advogado, que não desgostava de prolongar certas visitas, pareceu reflectir, apertando a barba com a mão.

—Entretanto, veremos... Ha sempre algum ponto negro, que se pode alastrar...

—Escreva-me e venha ver me...

As visitas repetiram-se, o ponto negro augmentara de tal maneira e a sr.^a de Baudémont seguira com tanta pontualidade os excellentes conselhos do seu advogado, tocara tão bem todas as cordas, que alguns mezes depois, em seguida a uma accusação, de que ainda hoje se falla no tribunal, durante a qual o juiz limpou repetidas vezes a luneta e assoou se outras tantas ruidosamente, o divorcio foi pronunciado a favor da condessa Maria Anna de Baudémont.

O conde, estupefacto com esse inesperado desfecho, encolerisou-se a principio, projectou ir a casa de Garrulier, arrancar-lhe as orelhas.

Serenada a crise, passado o primeiro abalo, encolheu os hombros e exclamou: «Tanto melhor para ella, se isto a divertir!» comprou o yacht do barão Silberstein e organisou, de combinação com alguns amigos, uma viagem a Ceylão e ás Grandes Indias.

Anna, pela sua parte, exultou com o triumpho obtido, sentiu uma alegria de collegial em ferias, inventou toda a especie de caprichos, fez todas as loucuras que se se podem fazer, e breve, fatigada, desalentada, saciada, bocejou, aborreceu-se, chorou, comprehendendo que estragara a sua felicidade, como um millionario doído que do alto de uma ponte atirasse para o rio massos de notas, sentiu emfim que não passava de um despojo abandonado em um caminho deserto.

(Continua.)

GUOMAR T. REZÃO.

A vingança do Sampaio

Estava commandando interinamente o regimento, o tenente coronel Morango, assim alcunhado por ser extremamente vermelho. Os soldados tinham-lhe um odio mortal, pela sua excessiva crueldade. A mais insignificante falta, era castigada com duzias de varadas.

Por isso os paes tremiam constantemente pelos filhos, n'aquella famosa epoca do recrutamento a cordel. Era espantoso o numero dos rapazes desdentados, e não tinha fim o numero dos que cortavam o dedo indice da mão direita. Assim mutilados, não podiam puxar o gatilho, nem morder os cartuchos.

Imagine se pois o que não seria n'aquelles tempos terriveis, em que a sociedade civil estava á mercê dos golpes da espada dos ambiciosos caudilhos irrequietos.

O Sampaio era um bello mocetão dos seus vinte annos, e com quanto, não fosse neto de heroes e descendente dos grandes navegadores, tinha contudo uma genealogia, honrada e digna, uma educação corrente e muito regular para aquelle tempo.

Por desgraça sua, foi agarrado para soldado e não houve meio de o salvar, porque era pobre e não se destinava á vida ociosa do claustro, contentando-se em ser um cidadão util no commercio, essa alavanca poderosa da riqueza das nações, como se dizia n'aquelle tempo de ingenua rhetorica constitucional.

Foi pois militar, com grande desgosto e susto da familia.

O rapaz era pundonoroso, e tudo, ao principio, correu bem; mas um dia que estava de guarda ao quartel, não se prestando a deixar entrar certa dama dos pensamentos de um sargento, como era do seu dever, teve de aprender á sua custa, que o dever desaparece, todas as vezes que se trata de o fazer valer sobre as pessoas que nos são superiores. Foi o que succedeu ao Sampaio.

O sargento tomou-o á sua conta, provocou o por todos os modos, vigiou-o e intrigou-o tanto, que o Sampaio perdeu inteiramente a paciencia, e um dia, dia fatal, ousou exprobar-lhe o seu procedimento, um pouco violentamente.

Foi o que o outro quiz. Deu logo d'elle uma parte carregada, ao seu capitão, e este transmittiu a ao commandante. Espalhou-se logo a nova e todos affirmaram que o Sampaio seria chibatado. O rapaz, aterrado, procurou o tenente-coronel e contou-lhe toda a verdade, diante de varios officiaes.

O commandante não deu uma unica palavra em resposta, não se mostrou agastado, nem convencido, nem duvidoso; apenas lhe fez signal para se retirar.

Quando o Sampaio que, apesar de soldado, era muito considerado, tanto pelo seu comportamento, como por pertencer a uma boa familia, perguntou aos officiaes o que teria dito o commandante, elles encolheram os hombros e responderam:

—Aquillo é um homem singular. Ninguém sabe o que elle pensa.

—Então, não manifestou a sua opinião?

—Não disse palavra.

Mas o Sampaio era um coração d'ouro e julgando os outros por si, conscio, de mais a mais, de que tinha razão, julgou que o Morango o attendera.

Fallava-se muito n'aquella epoca, da abolição dos castigos corporaes no exercito, como uma crueldade inutil e indigna do homem livre. E essa reforma seria o inicio de uma nova era de reformas militares.

Os velhos militares andavam irritados e descontentes.

—Sem varadas, o que vae ser do exercito? diziam elles. Bonita disciplinal! E foi para adoptar estas theorias humanitarias, que nos batemos em tal e tal parte!

Ora o Morango, pertencia aos irasciveis da velha guarda.

Na vespera de ser approvada a lei da libertação das costas dos miseros soldados, o terrivel Morango saiu com o seu regimento a exercicio como costumava, levando junto ao cavallo o competente cabo com o seu molho de varas. Era o seu costume.

Chegado ao campo do exercicio e depois de formado o regimento, mandou dar alguns passos á frente ao Sampaio.

Todos os camaradas do joven soldado, surprehendidos dolorosamente, o olharam com immensa piedade. Tinha caído nas garras do tigre.

Então o Morango, disse com a sua voz rouca e medonha:

—Cincoenta varadas n'esse maroto, para elle aprender a respeitar melhor a disciplina.

E ao pronunciar a palavra disciplina, os seus olhinhos cruéis brilhavam sinistramente no seu enorme carão vermelho.

Ao ouvir esta espantosa ordem, o pobre soldado quasi desmaiou de vergonha, mas uma reacção violenta de colera se apoderou d'elle, e encarando o terrivel Morango, disse lhe:

—Miseravel verdugo! Tu és indigno da farda que vestes! Mas lembra-te de que ha morrer e viver!

O commandante, sem se alterar, fechou os olhos quasi em extasi, parecendo saborear com delicia aquellas palavras de ameaça, e erguendo por fim altivamente a cabeça, ordenou de novo, com a sua voz mais tranquilla e mais rouca:

—Mais quarenta varadas! Ao todo são noventa!

Os cabos executores condoidos do rapz e receando que elle falasse de novo e lhe fosse sobrecarregada a pena, saindo de sobre as armas, morto, disseram-lhe baixinho:

—Cale-se por Deus! Não conhece aquelle homem!

Então, havendo despido até á cintura o pobre martyr, principiou uma scena de canibaeis. Dois cabos munidos de longas chibatas, principiam o supplicio sobre as costas do Sampaio curvado sobre uma espingarda e segurado convenientemente por soldados.

Ao principio, appareciam vergões brancos na pelle; era o sangue que reflua: depois os vergões tornavam-se vermelhos, espirrava o sangue, saltava a carne em pedaços em todas as direcções, salpicando as fardetas e as caras dos executores.

A' primeira duzia de varadas, o paciente conservou toda a sua coragem; á segunda, fracos gemidos principiam a sair lhe dos labios; á terceira, urros medonhos, sobrehumanos, escaparam se lhe do peito, como de uma medonha caixa de musica, onde se executasse a symphonia intraduzivel da dor. E o arcaboço do desgraçado, parecia prestes a despedaçar-se, sob a chuva uniforme e implacavel das varadas sem fim.

Todos olhavam alternadamente para o commandante e para a victima. A mascara do cruel militar não trahia o minimo sentimento bom ou mau.

O pobre Sampaio foi recolhido ao hospital, e quando saiu completamente curado, soube que o feroz Morango já se reformara. Não quizera sobreviver militarmente, á morte da chibata. E como era solteiro e tinha alguma cousa de seu, não lhe fazia isso móssa.

Soube mais que, no dia seguinte ao do seu supplicio, fôra para sempre abolida a chibata no exercito, e comprehendeu por isso toda a profunda malvadez do Morango. Jarou, pois, vingar-se.

Tanto indagou, que veio a saber onde residia o coronel. Era n'uma pequena terra de provincia. Esperou tranquillamente a sua baixa e a dos dois cabos que o tinham zurdido á ordem do Morango, e pagando-lhes generosamente, fez-se acompanhar d'elles, communicando lhes um plano de vingança formidavel.

E seguiu um bello dia para a provincia, entrou de noite, secretamente, na casa de campo onde residia sosinho, como um eremita, o velho official, e surprehendendo o no seu mais doce somno, obrigou-o a saltar da cama, mais morto do que vivo, de susto; e tendo o amarrado solida e convenientemente, ordenou aos seus cumplices em voz de commando, imitando o tom do coronel, que tão dolorosamente lhe ficara no ouvido, que lhe dessem cinquenta varadas bem puchadas, para o que, os dois ex-cabos, tinham levado as mesmas chibatas com que pela ultima vez haviam suppliciado e tirado o couro fôra ao pobre Sampaio.

E como o Morango, justamente indignado e vexado, insultasse os seus algozes, o Sampaio ordenou imperturbavel, imitando sempre a voz do seu antigo commandante:

—Ab! grande maroto! Tu não respeitas a equidade? Então, mais quarenta varadas!

Os dois ex cabos exercitadíssimos no manejo da chibata, graças ao exercício a que os obrigava no regimento o Morango, já erguiam no ar os instrumentos do supplicio sobre as costas nuas do coronel, quando subitamente a um aceno do Sampaio, suspenderam.

Então, o rapaz avançou para o velho reformado e disse-lhe nobremente:

—Eu não sou um cobarde como tu, que exercias a crueldade á sombra de uma lei de magarefas. Não tenho nenhum direito de levantar a mão sobre o meu semelhante. Quiz apenas humilhar te e mostrar que no coração do homem moderno ha virtude sufficiente para se desenvolver a coragem, os direitos e os deveres de cada um, entre si e em relação á sociedade. E' o mundo novo que começa.

E voltando-se para os ex-cabos espantados pelo desfecho imprevisto



CESAR A. PAIVA

d'aquella scena, que estavam bem longe de suppor, exclamou:

—Desamarrem esse homem!

Apenas o coronel se viu livre, endireitou o busto altivamente, cruzou os braços e encarou de frente o Sampaio, que nem pestanejou.

Então o official, commovido, disse-lhe gravemente:

—Fui cruel comtigo. E' verdade! Conheço agora que andei mal; mas fui sempre homem de bem, e por isso não me envergonho de lhe pedir perdão, diante d'estas duas testemunhas.

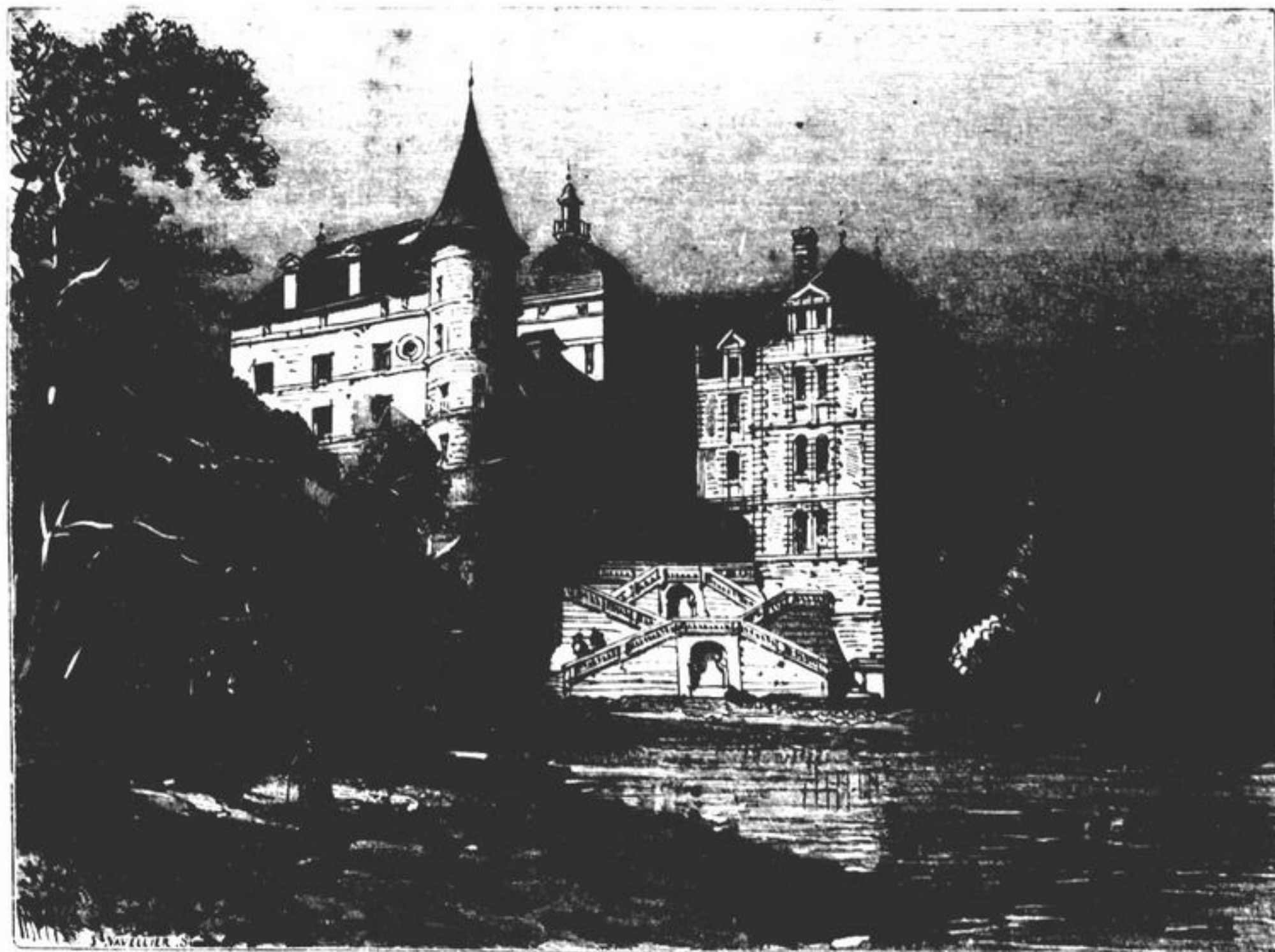
E estendeu-lhe a mão, que o Sampaio apertou entre as suas. E ficaram amigos.

D'ali em diante, quando o coronel acertava fallar no ultimo soldado que mandara chibatar, dizia sempre:

—Um rapaz ás direitas! Valente e generoso! Pedi-lhe perdão depois. Viva a geração nova!

E bebia, guerreiramente, mais um calice de cognac.

JOSÉ MARIA DA COSTA



PORTO DAS PEDRAS (BRAZIL)